

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

19,3,88

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI

A cidade das pedreiras, do leite, das olarias



Ribeirão Pires faz aniversário neste sábado. São 34 anos de emancipação político-administrativa. E é um aniversário especial, comemorado 100 anos após a criação do núcleo colonial da cidade, formado por imigrantes italianos.

Na economia, dois setores marcaram historicamente a vida da cidade: as pedreiras, das grandes produções e dos movimentos grevistas do início do século; e as olarias, que até hoje dão fama a uma Ribeirão que procura o seu destino - apontado para a vocação de estância turística.

Em 1910 - para citar um ano em que a cidade era a terceira em importância econômica dentro da região (perdia só de São Bernardo e Santo André) - Ribeirão Pires tinha três pedreiras: a Carpinelli & Cia, de João Carpinelli, com três vagonetas; a de Pascoal Oliva e a de Antero Bruno. Existiam as serrarias de F. Andreoni & Cia, João Gallo e João Batista de Oliveira Lima. Fratelli Maciotta mantinha moinho de trigo. Jacinto Gaspari era dono de fábrica de cerveja. Antonio Ferreira de Moraes lidava com cartório.

Um ramo que se destacava naquele 1910: o da criação de vacas leiteiras. A Companhia Pastoral era a maior do ramo, com suas 48 vacas. Manoel José de Oliveira Cat-



ta Preta vinha a seguir com 30 cabeças. E havia pelo menos mais 15 produtores de leite, entre os quais Gotardo Bottacin, Ferdinando Salerio, Pascoalino Contente, José Mathias, Baptista e Santi Bertoldo, irmãos Maziero e Caetano Luppi.

Mas naquele 1910 o ramo com mais unidades era o oleiro. Tinham olarias: Moyses Gafiantini, Celeste Gaspar, Giacomo Sortino, viúva Gallo, irmãos Carvalho, Antonio Pescarini, Pedro Zampol, Domingos Zampol, José Antonio, Joaquim Pires Domingues, José Elias, José Pernachini, Santi Genasi, João Camillo (que estava transferindo a olaria para Benedicto Bellotti) Luiz Botacin, Antonio Stefano, Luiz Clemente e Francisco de Nardi. A

relação consta do livro de indústrias e profissões da velha Prefeitura de São Bernardo, a quem Ribeirão Pires pertencia.

Era 1910. Setenta e oito anos depois, o sistema de fabricação de tijolos é o mesmo em Ribeirão Pires, muito embora existam bem menos olarias. O amigo Euclides Menato nos levou aos Bertoldo, das velhas olarias. A coluna conversou com Áurea Bertoldo Cardoso e Romualdo Bertoldo. *Seo* Romualdo, nascido em 1927, chegou a presentear as salas históricas de São Bernardo com duas formas de tijolos antigas, hoje parte integrante do acervo histórico. E Áurea Bertoldo Cardoso forneceu série de fotografias que mostra a receita da produção de tijolos.

Nesta primeira foto aparece parte da antiga colônia dos Bertoldo, em Ribeirão Pires, ao tempo da olaria. É a década de 40. Aqui está a pilha de tijolos secando e, ao centro, a pipa com as facas de cortar o barro misturado em suas várias tonalidades: preto, cinza e vermelho. É aqui que começa a produção de tijolos.

O barro é posto no quadrado, até uns 80 centímetros acima da borda. O suficiente para a produção de quatro a cinco mil tijolos. Dois burricos são atrelados à pipa para misturar o barro. É a primeira etapa da produção de tijolos, igual a 1910. Um trabalho ainda possível de ser visto na periferia da aniversariante Ribeirão. Amanhã veremos outras etapas.